

# Noites de Almirante

1232

Rubem Braga

**E**M SANTOS embarco no «Almirante Saldanha», o antigo navio-escola que virou navio oceanográfico. A transformação, feita no Arsenal de Marinha, foi um ato de inteligência e economia que honra a nossa Marinha; deu-nos um novo motor e uma nova missão ao velho barco já incapaz de levar pelos mares do mundo nossa juventude naval.

Mas que ele ficou bonito não ficou não. Perdeu os altos mastros, as imensas velas brancas, todo seu porte altivo de cisne do oceano; transformou-se a pôpa para fins utilitários e ela ficou pesada e feia. E não é impunemente que se enfeia um barco: sua allure sofreu, e as rajadas de leste o fazem arfar e jogar de bordo pesadamente.

Esta não é uma viagem de passeio. Saimos a barra e pouco depois param as máquinas e descem os ferros. É a primeira de seis «estações oceanográficas» que faremos na mesma faixa, isto é, sempre tocando no mesmo rumo, em uma linha perpendicular à costa, até fora da plataforma continental. Mesmo antes de parar o navio começa a faina. Uma rede de malha finíssima, em forma de biruta, é jogada ao mar e rebocada a baixa velocidade. Em sua entrada há um medidor de fluxo, para calcular a quantidade de água que por ali passa; no fundo há um recipiente onde vai se depositando o plancton. Seu aspecto é o de um suco de uvas brancas, onde estão em suspensão organismos vegetais e animais mínimos, muitos deles microscópicos.

É esse caldo é a própria fonte da vida. Algas, cujos volumes variam de décimos a décimos milionésimos de milímetros cúbicos, e cuja variedade vai além de dez mil, fazem a química primária da vida, a síntese da matéria orgânica, fixando o carbono e expelindo o oxigênio sob a ação da luz solar, fabricando açúcares, convertendo-os depois em gorduras, e, pela incorporação de azoto e outras substâncias, em proteínas. Animais também minúsculos, alguns microscópicos, nutrem-se desse fitoplancton; outros animais maiores devoram esse plancton vegetal e animal, e essa cadeia alimentar vem até os grandes peixes — e, o que nos interessa primordialmente, até a nossa mesa.

O que o «Almirante Saldanha» pretende é esta coisa utilitária: mostrar os meios e modos de o brasileiro ter peixe abundante e barato. Para isso, além de estudar o plancton, analisa a água colhida a várias profundidades, mede sua temperatura, sua salinidade, sua alcalinidade, seus fosfatos e nitratos; draga o fundo, estuda as correntes, as ondas e o vento, assinala os cardumes e examina os peixes, e faz isso em várias estações do ano e em várias latitudes, desde o litoral raso até as primeiras profundidades quilométricas fora da plataforma continental.

Curvados sobre provetas e microscópios, os homens vão trabalhar horas e horas sobre o conteúdo das garrafas oceanográficas. Muitos não poderão dormir, apenas cochilarão a espágos.

— Vamos ter uma noite de almirante! — me diz um tenente.

E explica:

— Uma noite de almirante respondendo a IPM...

Mas ninguém pode se queixar: quem menos dorme a bordo é o comandante do navio, o capitão-de-mar-e-guerra Paulo Moreira da Silva que depois de acompanhar atentamente no convés todo o ritual da coleta, vai para a sala de desenhos procurar interpretar madrugada a dentro, com um maço de análises da mão, o mistério daquelas curvas em que se começam a esboçar vagamente os perfis dinâmicos das correntes onde vagam esses sais e esses séres de que depende em parte a comida do povo brasileiro.

Desse estranho mar-e-guerra que vê com apreensão aproximar-se a hora de virar almirante, eu vos falarei amanhã.

DN- 4-8-65